

Tapia, M. N. (2006). *Aprendizaje y servicio solidario en el sistema educativo y las organizaciones juveniles*. Buenos Aires, Ciudad Nueva.

Wenger, E. (1998a). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wenger, E. (1998b). *Communities of practice: learning as a social system*. *Systems Thinker*. Acedido em 12 de outubro de 2005 em <http://www.co-i-l.com/coil/knowledge-garden/cop/lss.shtml>

Ana Martins,
Isabel Martins
e Orlando Pereira

Arco Maior

O Projeto Arco Maior não é mais uma escola. É uma dinâmica socioeducativa, com uma evidente “marca” escolar, mas devidamente renovada, flexível, personalizada e inovadora, que tem um carácter transitório e que serve de apoio à reintegração escolar e social de jovens excluídos e sem a escolaridade básica. Com base num diagnóstico de aprendizagens escolares, saberes práticos e competências sociais de cada jovem, é realizado um projeto de acompanhamento de desenvolvimento pessoal, seguido por cada docente e por todos eles, num trabalho cooperativo.

O projeto socioeducativo Arco Maior nasceu em 2013, na cidade do Porto, após dois anos de tentativas de arranque falhadas, fruto de uma iniciativa de cooperação entre a Universidade Católica do Porto, o Ministério da Educação, o Instituto de Emprego e Formação Profissional e instituições privadas, das quais se destaca a Santa Casa da Misericórdia do Porto. A estas, juntaram-se muitas outras, como a Fundação Manuel António da Mota, a Família de Alexandre Soares dos Santos (que se tornou a principal financiadora) e a Santa Casa da Misericórdia de Gaia. O Arco Maior é fruto

do empreendedorismo social e da iniciativa autónoma de várias instituições nacionais, públicas e privadas.

O Arco Maior não é uma alternativa aos percursos escolares de insucesso reiterado que existem nas escolas, percursos geralmente desgastantes e injustos; destina-se apenas a todos os adolescentes e jovens excluídos ou que se excluíram dos sistemas formais de educação e formação, jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, podendo acolher também jovens com idades inferiores ou superiores, que, na sequência de processos mais ou menos complexos de absentismo reiterado e de grave conflito com a instituição escolar, tenham abandonado efetivamente as escolas sem terem completado a escolaridade obrigatória. No ano letivo de 2017/18, foram acolhidos perto de 130 jovens, em quatro polos, três na cidade do Porto e um em Vila Nova de Gaia.

Identificados com o apoio de uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, dos serviços da Segurança Social e das escolas que abandonaram, o Arco Maior contacta cada jovem e entrevista-o, propondo-lhe um novo caminho socioeducativo. Cada jovem “contratualiza” a permanência por um certo número de horas de aprendizagem e o Projeto promove um trabalho socioeducativo que tem em vista a reconfiguração do projeto de vida, a certificação escolar, com o 6.º, o 9.º e o 12.º anos, e a posterior reinserção escolar, formativa ou profissional de cada jovem e adolescente. Em cada localidade em que existe um polo do Arco Maior, o agrupamento escolar mais próximo é autorizado pelo Ministério da Educação a acolher estes jovens como mais uma turma (tornando-os assim alunos do sistema público

de educação), sendo que esta é “especial”, autônoma e funciona segundo modelos próprios e em instalações específicas. Assim, o agrupamento “oferece” os docentes para a turma e o Arco Maior escolhe dois professores coordenadores de cada polo, que o apoiam a tempo inteiro.

As áreas nucleares da formação são as Oficinas, que se desdobram em Restauro, Restauração/Cozinha, Artes e Ofícios e TIC-Multimédia, Jardinagem, as disciplinas gerais tradicionais e os Projetos Interdisciplinares. A formação completa-se com outras aprendizagens que visam favorecer a autonomia e a inserção social, como a realização de visitas e estágios. Tudo isto dá lugar à concretização das teorias de uma aprendizagem diferenciada e personalizada, do “aprender fazendo”, à perspetiva da UNESCO de uma educação integral assente nos pilares do saber (saber-ser, saber-estar e saber-fazer) ou a uma “pedagogia da misericórdia”.

A educação escolar hegemónica deixa marcas, por vezes bem profundas, na vida destes jovens, tornando-os os autores únicos e/ou principais responsáveis da sua própria exclusão escolar, iludindo as suas próprias debilidades institucionais e a marca da sua seletividade profundamente injusta e desumana. O primeiro propósito do Arco Maior consiste em (re)criar elos, estabelecer meios de comunicação que permitam chegar a estes jovens. É um caminho que reclama hospitalidade, tempo, paciência e capacidade de aceitação recíproca. Cada jovem que procura um (novo) projeto de vida, de que esta proposta socioeducativa pode ser o trampolim, precisa de saber não só que essa possibilidade existe, mas precisa também de reconhecer, antes

disso, a premência, a sede desse novo projeto de vida.

O trabalho do Arco Maior é um navegar que não tem lugar para a indiferença, pois as histórias de vida são muito longas (apesar da curta idade) e cheias de feridas, muitas delas ainda em carne viva. Os caminhos são diversificados, mas todos eles procuram conduzir o jovem até si, até à sua interioridade: umas vezes, recorre-se à conversa intimista, outras, são escritas cartas personalizadas, outras, é provocado o confronto, apresentando-se propostas radicais que abalam as convicções, habitualmente superficiais, mas enraizadas (um paradoxo que impossibilita, tantas vezes, a compreensão sobre o melhor modo de agir). Neste registo quotidiano, neste modo de ser “não escola”, se conquista a maior parte dos jovens, sobretudo quando vão adquirindo confiança.

A gestão do tempo, de um outro tempo, o tempo que for necessário, um tempo exigente e aberto de oportunidades, esta é uma marca distintiva do Projeto. Todas as semanas existe uma “Assembleia”, que é um momento de encontro de todos os jovens e que começa por ser um espaço de exposição perante os outros e de conhecimento mútuo. Todos os dias, o almoço é confeccionado por um grupo de alunos e todos almoçam em conjunto no mesmo espaço – professores, formadores, alunos e convidados, quando há visitas. Este espaço constitui uma enorme fonte permanente de aprendizagem e desenvolvimento de competências, além de ajudar a fortalecer os laços que unem. Cada um vai descobrindo que a sua opinião conta, que existe espaço e tempo para ouvir cada um contar tudo. É nestes momentos que se descobre um outro ser, que é diferente daquele que chega à porta,

e um outro ser e um outro ainda que, como nas *matrioskas* russas, desfila diante dos olhos dos outros em diferentes dimensões. Descobrir o outro para nos unirmos a ele e juntos olharmos para diante, é o cerne da primeira intervenção do Arco Maior.

Então, em geral, lentamente, os caminhos abrem-se: o ânimo reaparece, a autoestima faz levantar a cabeça, o acesso aos saberes vai fazendo outro sentido, o exercício de responsabilidades ganha outro horizonte. É um trabalho silencioso, sem metas predefinidas, sem papéis de suporte e sem planificações.

Joaquim Azevedo

Arte Urbana

.....

Arte Urbana, arte de rua ou street art é uma dimensão emergente, um estilo ou uma corrente artística, que liga a prática artística com o meio envolvente nas cidades, interagindo direta ou indiretamente com o público que pretende atingir ou provocar. A Arte Urbana contemporânea agrega as multi-dimensões possíveis, desde os simples ou provocatórios tags até aos graffiti (na sua origem etimológica italiana), permitidos, promovidos ou perseguidos, passando pelas mais variadas formas de intervenção no espaço público – desde a colocação de formas artísticas (ou instalações) à arquitetura, que pode assumir um papel de objeto artístico de intervenção cultural. Hoje, é dado estatuto a estas formas de intervenção artística, elevando-as já a graffiti art (Genin, 2016: 6).

.....

Para algumas correntes, a origem da Arte Urbana ronda a década de 60 do século passado, destacando

o artista norte-americano da Pop Art, Allan Kaprow, como um dos precursores, ao defender a transferência da arte das galerias para o “ambiente urbano real” (Kaprow, 1999: 261).

Contudo, permanece a discussão do objetivo associado a esta forma de expressão artística. Será possível considerar da mesma maneira um *tag* ou um *graffiti* colocado numa obra emblemática da cultura nacional ou internacional, a inscrição do mesmo tipo contra a opressão de um regime ou a ação antissocial ou antiecológica de uma empresa?

Muitas cidades, a partir da década de 60, tentaram “normalizar”, conscientemente ou por moda, esta tendência que despontava e, como forma de animar a sua vida cultural ou atrair novos públicos, lançaram-se na organização de eventos – desde simpósios de escultura a intervenções de rua no campo do *graffiti* e das instalações, passando por estátuas vivas ou ainda pela integração da arte de rua em espetáculos musicais ou de multimédia, etc. Este movimento espalhou-se por todas as capitais dos cinco continentes, mas também por pequenas e médias cidades que se queriam destacar ao inscreverem-se nestes movimentos mais inovadores. A título de exemplo referimos alguns casos:

Nos Estados Unidos, existem vários casos paradigmáticos da “*street art*”, especialmente nas grandes metrópoles como São Francisco, Nova Iorque, Los Angeles, Filadélfia, etc. O Museum of Contemporary Art de Los Angeles (MOCA) organizou em 2011 “*Art in the Streets*”, que foi a maior exposição sobre a história do *graffiti* e da Arte Urbana contada desde a década de 70.

Em França, para além de Paris e Lyon, este movimento estendeu-se a Grenoble, Évry, Marne-la-Vallée, etc. Há